

# Novas famílias

Angela da Rocha Rolla<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo aborda o tema novas famílias na ficção infantojuvenil contemporânea brasileira, analisando obras que focalizam as novas organizações familiares da atualidade e seus conflitos.

**Palavras-chave:** literatura juvenil, família, separação conjugal

## New families

## Abstract

The present article approaches the theme related to new families in Brazilian contemporary children's and youth fiction, by analyzing literary works which focus on present days new family organizations and their conflicts.

**Key-words:** youth literature, family, marital separation

A traumática cena final de *Tchau*, obra de Lygia Bojunga Nunes (2003, p. 39), desperta no(a) leitor(a) uma angustiante sensação de abandono. A cena em que a protagonista, a menina Rebeca, se agarra à mala para evitar a partida da mãe é emblemática de uma geração - de pais e filhos - que viveu a separação conjugal como a perspectiva da destruição de suas vidas. A obra inaugura esse tema na literatura infanto-juvenil de forma contundente: a mãe “abandona” o lar, deixando marido e filhos para se unir a outro homem, fora do Brasil. O ponto-de-vista da menina Rebeca transporta o leitor para sentimentos de perda, de dor e de impotência que são vivenciados pela narradora e por seu pai. As situações vividas põem a nu conflitos familiares (incomuns na literatura dita infantil) tratando-os sem mitificação e pondo em cheque conceitos de casamento, família e especialmente de amor materno.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária (PUCRS); Professora de graduação e pós-graduação da Ulbra Canoas; Coordenadora do Programa de Leitura Fome de Ler; e-mail: [arolla@terra.com.br](mailto:arolla@terra.com.br) / [angela.rocha.rolla@gmail.com](mailto:angela.rocha.rolla@gmail.com)

Não sem propósito a personagem é denominada Mãe, em uma referência à possibilidade de mostrar a Mulher com seus próprios desejos, à frente do consagrado papel de “rainha do lar”. A sociedade aceita que uma mulher deixe seus filhos para viver um sonho pessoal? E o homem, poderá fazê-lo sem culpa?

O tema da dissolução do casamento e seus conflitos são tratados na literatura para crianças e jovens mais ou menos no mesmo compasso em que a sociedade foi-se tornando menos preconceituosa em relação à possibilidade de novos grupos familiares ou mesmo de outras formas de vida sob um mesmo teto. Na década de 80, ou o tema era escamoteado ou abordado no seu momento mais doloroso – a separação – de forma muito sofrida. Tome-se como parâmetro a obra *O dia de ver meu pai*, de Vivina de Assis Viana. O final feliz não acontece, assim como há poucas alternativas para o personagem Fabiano, inseguro e angustiado com a separação dos pais.

Esse momento da literatura acompanha a evolução da sociedade em relação à organização familiar. O assunto não é mais a separação, mas suas conseqüências – o namorado da mãe, a madrasta, os meio-irmãos, as casas com casais do mesmo sexo, os filhos adotados, os filhos que vivem sem pais – e uma série de outras composições familiares. O estilo passa a ser leve, o tônus dramático desaparece e o humor toma conta das obras. Um bom exemplo é a crônica *O lar desfeito* de Luis Fernando Veríssimo, que ironiza o modismo do descasamento.

- Eu não agüento mais essa situação – disse Vera, na mesa, dramática.

- Que situação, minha filha?

- Essa felicidade de vocês!

- Vocês pelo menos poderiam ter o cuidado de não fazer isso na nossa frente – disse Vítor.

- Mas nós não fazemos nada!

- Exatamente.

Venancinho batia com o talher na mesa e reivindicava:

- Briga. Briga. Briga.

José e Maria concordavam que aquilo não podia continuar. Precisavam pensar nas crianças. Antes de mais nada, nas crianças. Manteriam uma fachada de desacordo, ódio e desconfiança na frente deles, para esconder a harmonia. Não seria fácil. Inventariam coisas. Trocariam acusações fictícias e insultos. Tudo para não traumatizar os filhos. (VERISSIMO, 1996, p. 35-6)

O casamento feliz passa a ser, na ironia do autor, algo para ser escondido da sociedade por estar fora dos padrões, assim como o eram os relacionamentos extraconjugais do passado. A situação invertida é hilária:

Estavam os dois no motel onde se encontravam, no mínimo duas vezes por semana, escondidos.

- Será que fizemos o certo?

- Acho que sim. As crianças agora não se sentem deslocadas no meio dos amigos. Fizemos o que tinha que ser feito.

- Será que algum dia vamos poder viver juntos outra vez?

- Quando as crianças saírem de casa. Aí então estaremos livres das convenções sociais. Não precisaremos mais manter as aparências. Me beija. (VERISSIMO, 1996, p. 37)

Com Rosa Amanda Strausz (1995), em *A coleção de bruxas do meu pai*, as namoradas do pai se transformam em bruxas nas brincadeiras de Marcela e Chiquinho. Para se livrarem das indesejáveis bruxas, eles transformam a vida do pai em um inferno animal: “Eu paro de colecionar bruxas e vocês param de encher a casa de bichos, tá legal?” (STRAUSZ, p.13) A narradora é a menina Marcela, colecionadora de papéis de carta decorados e que também se diz feiticeira, como as outras mulheres do pai: “Se algum dia Circe me amolar muito, faço *Abacadabra* e sumo com ela. Ou será que esqueci de contar para vocês que, apesar de nossas diferenças, eu também sou uma bruxinha?” (Idem, p. 21). Na obra, os sentimentos da menina em relação à outra mulher na vida do pai são tratados com humor e solucionados como em um passe de mágica. As crianças têm poder sobre seus sentimentos e podem exteriorizá-los usando seus próprios recursos.

Na mesma abordagem, desde a ilustração da capa, percebe-se em *O pai que era mãe*, de Ruy Castro (2007), o tom caricatural e liberal da situação de um pai descasado que se vê transformado em mãe. O tema é apresentado de forma natural, em linguagem contemporânea próxima do leitor adolescente, tentando driblar preconceitos como o do exclusivo papel da mulher cuidadora dos filhos. A comicidade dá o tom:

Pensando bem, o que havia de surpreendente nisso? Na maioria das separações, é a mãe que herda a prole e faz todas as chatices que uma mãe tem de fazer: fiscaliza atrás das orelhas, obriga a tomar purgante e controla o boletim da escola.

Mas, quando é o pai que fica com as filhas, a coisa é diferente. Seu infernal sentimento de culpa pelo fracasso de seu casamento faz com que ele queira recuperar rapidinho o terreno perdido no coração delas. E isso o torna um amor. (...)

Seu relacionamento com as meninas era tão formidável que, poucas semanas depois que passaram a morar juntos, veio o Dia das Mães e elas lhe deram presentes.

“Paiê, você é uma mãe” (CASTRO, p. 18-20)

O pai moderno se dispõe a cuidar das filhas, mas não está assegurado a ele, de maneira completa – o poder da “dona da casa”. De alguma forma, a visão burguesa do casamento ainda persiste. A segunda mulher do pai aqui não é a feiticeira, mas a “generala”, e o homem se rende aos seus poderes. As filhas, em muitas situações, superam a maturidade do pai que é apresentado quase como um adolescente, em uma inversão de papéis.

Ele já não tinha a menor dúvida: Patrícia e Beatriz é que estavam certas. Era bom demais ter de novo uma mãe. Pois, agora, era a vez *dele* - de aninhar-se em braços que o aqueciam e ninavam, de ouvir uma voz que lhe transmitia calor, autoridade e amor, e que até cantava para ele dormir.

Por algum tempo, ainda conservou o hábito de olhar para os lados – para ver se vinha alguém. Depois, perdeu a vergonha e assumiu. Ao bater continência diariamente para a general Teresa, estava sendo feliz para sempre. (CASTRO, p.80)

A separação de um casal equivale também a uma “guerra na Bósnia”. Na trilogia de Toni Brandão, o menino João conta a sua saga de forma bem-humorada e recheada de referências à televisão, música, cinema, política em uma linguagem simples e direta, próxima do jovem urbano do século XXI. A série *João e seus meio-irmãos* acompanha o garoto de 11 anos desde a separação dos pais (*Guerra na casa do João- 1998*), passando pelo casamento de sua mãe, a insuportável filha do padraastro (*O casamento da mãe do João - 2004*), a chegada de um meio-irmão, a namorada do pai com seus quatro filhos (*Tudo ao mesmo tempo - 2006*). João se envolve nas decisões dos pais, cuja proximidade com o filho permite a eles exporem suas fragilidades e compartilharem suas fraquezas, sem, no entanto, perderem a relação paterna. A comunicação do garoto com os pais – especialmente com o pai – se dá quase sempre em um nível de igualdade, como se fosse adulto x adulto e muitas vezes criança x criança:

- Então ele é seu namorado, mãe.  
- Claro que não, João.  
- Mãe, depois que o papai foi embora e agora que eu já tenho 11 anos, nós estamos muito mais amigos e você não precisa me esconder as coisas.(...) Você acha que nunca passou pela minha cabeça que você vai ter outro namorado?  
Aí, eu e minha mãe nos sentamos no sofá ao mesmo tempo. Parecia até que a gente tinha ensaiado. Foi bem engraçado. E nós dois demos risada. Mas logo a minha mãe ficou séria de novo. Ela nunca consegue ficar dando risada por muito tempo.  
- E o que é que você acha disso, João?  
- De você arrumar um namorado?  
Aí eu dei uma risadinha bem sacana:  
- Tá vendo como eu tinha razão?  
Mas, pra não parecer que eu estava brincando com uma coisa que pra minha mãe era muito séria, eu continuei logo:  
- Acho que você tem o direito de arrumar alguém pra te fazer mais feliz do que você era com o papai. (BRANDÃO, 1998, p. 14-15)

Nesta obra, assim como em outras do gênero, a tendência é apresentar a personagem criança/adolescente com nível crítico bastante acentuado, superando os pais na percepção dos acontecimentos e até na tomada de decisões - que não são nada fáceis. O autor, Toni Brandão, dedica sua obra “pra todo mundo que vive ou viveu só com a mãe, só com o pai, com outro namorado da mãe, com outra namorada do pai, com os avós, com os tios, com os padrinhos, ou sabe lá Deus com quem mais”. Essa é a questão mais séria sob o ponto-de-vista do filho e mais uma fonte de conflito entre os pais: com quem eu fico, onde eu vou morar? O conceito de família - para João, um pai, uma mãe e um filho - sofre mudanças radicais que ele mal consegue acompanhar, tornando-se confuso, indeciso, com sentimentos que não consegue entender:

Errei a rota de casa de propósito. Foi por querer que fui parar na casa do meu único, exclusivo e inesquecível pai.  
- Vai derrubar a porta, cara.  
Foi o meu pai que disse. Com a voz mais curiosa do que brava. Ele me conhece muito bem pra saber que só fiz aquilo porque estava mal. Muito mal. Eu nem tinha conseguido prestar atenção nas aulas.

- Tomara que essa porcaria de porta caia em cima de mim e que acabe de uma vez com esse pedaço de resto que sou eu. (...)
  - Droga! (...) entrei pelo corredor repetindo essa palavra um milhão de vezes e sempre em um volume diferente. (...)
  - Nada de o meu pai abrir a boca. Aí fiquei muito bravo e perguntei:
  - Dá pra você me explicar o que está acontecendo?
  - Até os doze anos, essa foi a frase mais fora de lugar que eu tinha falado. Ouvir o som daquelas palavras foi muito louco. Não tinha nada a ver eu dizer aquilo. Eu deveria é estar ouvindo essa pergunta sair da boca do meu pai. (...)
  - Se eu entrar na sua, nós vamos brigar, não vamos chegar a nenhuma conclusão e, o que é pior, não vamos resolver o que está acontecendo dentro de você. (...)
  - E dá pra você me explicar o que está acontecendo?
- (BRANDÃO, 1998, p. 26-28)

O sofrimento não é escamoteado, a ansiedade não é minimizada, mas há um ar saudável, de conflitos que podem ser superados cujos participantes se sentem desafiados a construir novas relações afetivas. Não há lugar para o drama porque a dificuldade de ampliar os laços familiares é compartilhada – Doutor Spielberg, marido da minha mãe, “um dos melhores advogados do mundo”; Penélope, a se “achenta” da filha do marido da minha mãe; Heitorzinho, meu meio irmão recém nascido; Helena, a namorada do meu pai; Juliana, Joana, Joaquim e José, os quatro filhos da namorada do meu pai. Ufa! Qualquer um irá concordar que o título do CD dos Titãs, *Tudo ao mesmo tempo agora* cabe perfeitamente na transformação familiar de João. “Uma coisa de cada vez”<sup>2</sup> não acontece realmente na vida do garoto que é atropelado por muitos acontecimentos e pessoas que mudam sua vida por completo.

A posse do filho e por consequência a difícil decisão deste quando os pais se separam é um dos conflitos abordados nas obras infantojuvenis, especialmente naquelas em que o narrador-protagonista é a criança. Em *Abram a porta pro papai* (SANTOS, 1993) e *O que o coração mandar* (PAULAFREITAS, 2005) os pequenos protagonistas, ambos denominados Henrique, têm em comum a dificuldade de comunicar seus desejos em uma situação polarizada: família da mãe ou família do pai? A situação inicial da

---

<sup>2</sup> Título de uma faixa do CD dos Titãs *Tudo ao mesmo tempo agora* (1990), composição de Arnaldo Antunes citada na página 62 de *Tudo ao mesmo tempo*, terceiro livro da série João e seus meio-irmãos, de Toni Brandão.

criança é lembrada de forma idílica, como uma lembrança de algo que nunca mais será igual: a casa com pai e mãe, cheiros, móveis, brincadeiras, afetos. As casas que vêm depois são traumáticas porque lá sempre estará ausente um dos pais e a rivalidade entre as famílias dificultará ainda mais a adaptação ao novo. Os adultos agem de modo a desconhecer essas dificuldades – inseridos que estão na reconstrução de sua vida afetiva. O diálogo quase não existe, a criança se fecha em seu mundo interior, amargando perdas e não visualizando nenhum ganho. Torna-se “problemática”, doente, revoltada, incompreendida. Em *Abram a porta pro papai*, o menino Ique (com a guarda da mãe) tem o seu destino constantemente mudado – sem consulta ou aviso – ao sabor das vontades equivocadas dos adultos. A troca de casa é escamoteada e o menino não sabe a quem atribuir a culpa do que acontece com ele, sentindo-se sempre traído. Diferente do que acontece com o personagem João – apesar de viverem situações muito próximas – Ique é sufocado por preconceitos de toda ordem, vindos exatamente de quem poderia ajudá-lo.

Fui chamada na escola do Ique. A diretora disse que não pode continuar com ele no próximo ano.

- Mas por quê? – perguntou vó Alice.

- Ele é muito agressivo e está sempre alheio. Acham que precisa de tratamento.

- Ele também tem apanhado. Crianças brigam – argumentou tia Lili.

- Mas muitos se queixam. Já houve reclamações de alguns pais e além disso ele não acompanha a classe. Talvez seja autista, foi a opinião de uma das psicólogas.

- Autista? Será ? Algo causado pelo seu defeito na perna? – perguntou o vô Mário.

- É possível. Disseram que ele vive ausente, só acorda para agredir. Quem sabe está ficando surdo? De toda forma, devemos procurar um tratamento, talvez uma escola especial.

Mamãe chorava, tia Lili dizia que papai tinha culpa de tudo, vovó Alice que ele tinha de pagar o tratamento...(SANTOS, 1993, p.38-9)

Mas há algumas saídas para esses pobres “filhos de um lar desfeito” – no dizer irônico de Verissimo – mesmo após um longo período de sofrimento. Ique aproxima-se da avó Lídia (que lhe dá bons conselhos, sobretudo para ele compreender melhor os adultos e contentar-se com sua situação) e da menina Júlia, coleguinha de escola (sua confidente).

Mas a avó tinha razão. Era preciso botar-me no lugar dos outros. Eu tinha mais sorte do que Júlia. Meus pais estavam vivos. No entanto, Júlia nunca se queixava e era uma menina alegre. E eu estava me sentindo triste e injustiçado desde agora, antes mesmo da mãe ter casado. Era melhor perder meia mãe do que a mãe toda, como Júlia. Se a minha casasse, eu apenas iria reparti-la com Clóvis e, quem sabe, com um bebê, ou mesmo dois. Mas continuaria a ter a minha mãe. E tinha o pai. Poderia morar com ele quando pudesse escolher, se não estivesse satisfeito. (SANTOS, 1993, p. 118)

Ao outro Henrique (Rique) de *O que o coração mandar* (2005) é dada a oportunidade de escolher com quem ficar, mas isso também constitui um drama para o menino, porque as coisas não são simples assim e os pais são muito mais inseguros do que se dizem. Ao permitir que a criança decida, transferem o problema para o filho que se vê dividido. E é a avó que lhe sugere: “- Faça o que seu coração mandar.” (PAULAFREITAS, 2005, p. 15)

Eu tinha que me decidir e perguntei ao meu coração, que começou a me falar de quanto era bom sentar no colo do meu pai e sentir seu cheiro de loção de barbear, sua mão grande segurando a minha e as pontinhas de sua barba fazendo cócegas no meu pescoço. (...)

Mas meu coração também estava confuso, porque gostava muito de minha mãe e não queria me afastar dela. Escolher meu pai poderia magoar minha mãe, e eu não queria, de jeito nenhum, deixá-la mais triste do que já estava.

Eu me sentia, principalmente, culpado por gostar de meu pai. Por, no fundo, estar desejando ir com ele. E ir era o mesmo que preferir a companhia dele à de minha mãe. Era como se eu a estivesse diminuindo. (idem, p. 16)

A escolha de Rique transforma sua vida em uma tortura. O pai “muito ocupado”, a madrasta Sara que não lhe tem afeto, o desprezo da filha dela que o ridiculariza perante os outros e a meia-irmã tão diferente fazem dele um “menino-problema”. Como Ique, não externa seus sentimentos e sente-se traído.

Quando entreguei o bilhete ao meu pai, à noite, ele fez uma coisa horrível: mostrou-o a Sara. Vi naquele gesto uma traição. Minhas notas eram um assunto nosso, para resolvermos em família, portanto a dois. Meu pai escancarou minhas dificuldades

para uma estranha, que não parecia nem um pouco interessada em resolvê-las. (...)

Fui considerado um estorvo. Não me adaptava à turma do colégio nem à da casa. Ouvi várias vezes me chamarem de menino-problema. (...)

- O problema não é da escola – Sara respondeu. É dele. Henrique era filho único, mimado pela mãe e pela avó. Como aqui ninguém passa a mão pela cabeça dele, não se adaptou. É um menino realmente problemático. (...) Eu acho que é melhor devolver o garoto pra mãe. (PAULAFREITAS, 2005, p. 34-6)

Tratadas com bom humor, com lirismo ou de forma dramática, as obras sempre apresentam identidades em crise. Os personagens, em especial aqueles que estão no papel de filhos (crianças ou jovens), em fase de construção de sua identidade, mostram-se perdidos em alguns momentos. “Aquela não era a minha casa, nem a minha cidade, nem a minha mãe, nem o meu pai, nem a minha família. Será que eu era mesmo eu?” (idem, p. 28). O caminho é bastante penoso para o menino e seu pai, em *As outras pessoas*<sup>3</sup> e para a filha Paula e o pai João, de *Turbilhão em Macapá*<sup>4</sup>. Ambas de Ivan Jaf, onde filho e filha aproximam-se do pai a partir de viagem que empreendem juntos. Curioso que a convivência exclusiva com o pai (sem a presença da mãe) se dá através de um afastamento, como se para esse encontro fosse necessário sair do espaço que lembrasse a mãe.

Em *As outras pessoas* o motivo não fica claro – a mãe é lembrada vagamente como se tivesse morrido – e o personagem (já adulto) narra a sua vida com o pai, aos dez anos. Um momento da vida de ambos – solitária e ao mesmo tempo solidária com a comunidade que escolhem para morar durante um curto período. Há um mistério nos motivos que os levaram ali: sabe-se apenas que se trata de um homem que acaba de deixar uma vida para trás, o lugar aonde chegam é Boqueirão, à beira de uma lagoa escura próxima do mar. Pai e filho vivem uma passagem, mas a relação entre eles não é superficial nem distante. Muito menos, maternal. O pai não tenta ser mãe, ele convive com o filho exercendo a função paterna. O filho não mostra sofrimento, mas admiração, amizade e orgulho do pai e seu jeito bom, simples e justo de

---

<sup>3</sup> Obra de Ivan Jaf, da Editora do Brasil (2001), reimpressa em 2007 para o PNBE 2006.

<sup>4</sup> Obra de Ivan Jaf, das Edições SM (2008).

resolver as coisas. No lugarejo pobre e sem recursos, o pai torna-se um líder admirado por todos. “– Pai. – O que é? – Você também é legal pra caramba. – Depois te dou meu retrato autografado.” (JAF, 2007, p. 70). Em toda a obra, narrada em primeira pessoa, pai e filho não têm nome – são apenas “meu pai”, “o velho”, “meu filho” em uma referência direta a um homem e seu filho entre outras pessoas.

Pai em crise, filha que não entende o pai, pai que não aceita o mundo da filha adolescente, pai e filha que fazem uma viagem a Macapá (perto do fim do mundo) e começam a se conhecer melhor. O mundo fashion/ shopping-center-zonasul de Paula e o mundo suburbano/ Tijuca-zonanorte de João: nada combina entre pai e filha e isso passa pelos valores da mãe e do padrasto de Paula.

- Ai, Pati...tô péssima...meu pai tá surtado...tô numa situação sinistra...(...) Tenho vontade de morrer. Amanhã vou pro fim do mundo com um velho surtado!

João parou de ouvir e entrou na banheira. A água quente o acalmou um pouco. (...) Velho surtado. Bruno, o padrasto, tinha a mesma idade que ele. Ela não o chamava de velho. Um atleta. Depilava os pelos do peito porque era moda. Pintava o cabelo. Melhor ser surtado que ridículo e ignorante. Paula crescendo naquele ambiente idiota da zona sul. Achando que aquelas pessoas estavam no centro do universo. Uma patricinha. O velho surtado e órfão ia mostrar outro mundo à filha. (JAF, 2008, p. 64-6)

Ele sente tristeza por ver que a filha segue os passos do padrasto, um “ignorante endinheirado que não tem um livro em casa”. Ao mesmo tempo, sente-se fracassado e infeliz com a vida que leva. No fundo, pai e filha estão fragilizados e procurando conhecer melhor a si mesmos e acabam também descobrindo coisas em comum. “No fundo sou igual a você, pai. Tenho um monte de pensamentos estranhos que nem os seus, sabia? Eu quero passar mais tempo com você, cara.” (idem, p. 85). Final feliz. Na obra inteira, só o pai e a filha. Mãe, temporária e necessariamente longe. Para outro público, muito antes, Ronaldo Simões Coelho, em *Macaquinho*, inventa um pai e um filho (macaquinhos) procurando se conhecer. Nem fome, nem frio, nem medo: saudade do pai é o sentimento que resume a necessidade do filho. Nesta obra não há uma mãe: o foco é a relação entre pai e filho.

A delicadeza e o lirismo também povoam obras com esta temática. A proteção pode vir através do zelador de sonhos, do aconchego seguro da avó ou da mãe que está no céu. Regina Gulla e Graziela Bozano Hetzel trazem o tema da separação para o universo infantil com imagens sensíveis que encantam os leitores maduros. Para Marina, personagem de *A cristaleira*, o rompimento dos pais tem um sabor amargo, funciona como uma quebra de encantamento. “De repente o medo envolve a menina em ondas escuras. O coração salta no peito, a boca fica seca, ela só pensa em fugir. As vozes aumentam de volume. A raiva cuspidada de longe encharca os ouvidos da menina.” (Hetzel, 2003, p. 9). Na disputa dos pais, Marina opta pela avó. A personagem criança sente-se dividida, metade para um lado, metade para o outro, sem escolhas. A expressão desses sentimentos apresenta-se metaforicamente, com imagens que podem (ou não) se aproximar do universo dos leitores. Para o pequeno Gabriel, de *O zelador de sonhos* “a noite foi chegando dentro dele. A noite aterissou fria, cor de gelo. O gelo se partiu ao meio: metade para um lado, metade para o outro.” (GULLA, 2007, p. 10-11). A superação do medo e a construção de uma nova situação de vida se apresentam nas obras através de momentos de tensão atenuados pela figura de um afeto mais próximo da criança. Nos sonhos ou na realidade ficcional há, um pouco ao modo dos contos de fada, um auxiliar “mágico” que irá socorrê-la, atenuando seu sofrimento.

Em *O jogo de amarelinha* (Hetzel, 2007), a aceitação da madrasta é dolorida, pois passa pela superação da perda da mãe. “A menina caminha dura ao lado da madrasta, a mão pendendo frouxa do seu braço. Caminham mudas, nada têm a dizer.”(idem, p.11). Na nova família – com o pai e uma outra mulher na vida da personagem Letícia – o distanciamento materno é definitivo. O tema da morte é tratado com delicadeza, assim como a construção de um relacionamento com a madrasta. O jogo da amarelinha é metaforizado: chegar ao céu significa aproximar-se de algo que ela teme e que ao mesmo tempo resiste em aceitar. Chegar ao céu é pular todas as casas e aproximar-se da vida.

No jogo de amarelinha reinventado pelo personagem de Celso Sisto, pular de casa em casa não leva ao céu, leva de volta a uma casa “nada engraçada”, com uma família que não lhe pertence, uma casa “sem chão” que o “empurra para fora”. O poema de Vinicius de Moraes serve de mote para *Porque na casa não tinha chão* (SISTO, 1997), onde a casa e seus donos também podem ser lidos com o número zero. A desconstrução da casa acompanha o personagem na medida de sua inconformidade com a família.

Com a linguagem poética que o caracteriza, Celso Sisto vai mais fundo nas possibilidades de escolha do personagem criança. Desde o título, o autor usa as brincadeiras cantadas como metáforas: Mamãe posso ir? quantos passos? é a brincadeira infantil que leva o menino para longe de casa. Na fuga, o encontro com o circo, onde decide ficar. O circo, casa/mundo, acolhe também Digo, o menino de rua da obra *Pão e circo* (CUNHA; SALLES-COELHO, 2005). Nas obras em estudo, a casa ou a ausência dela sinaliza sempre a família ou a sua falta, associada à preservação afetiva das pessoas que a habitam / compõem.

A motivação para as “novas famílias” também passa pela adoção, pouco representada na literatura infantojuvenil brasileira. As obras *Pepo, o cavalinho que nasceu do coração*, *Bebê do coração* e *Em busca de mim*<sup>5</sup> abordam o assunto em direção a públicos e intenções distintas. As primeiras falam aos pequenos leitores e seus pais com o objetivo explícito de abordar uma questão que sempre gerou insegurança e temor. O teor é mais didático do que ficcional, buscando uma familiarização com a situação da adoção em uma ótica contemporânea, que sinaliza para a participação da criança desde o início, evitando uma relação frágil baseada em mentiras que podem provocar muito sofrimento a todos os atores do processo. *Em busca de mim*, obra ficcional, (que também expõe este problema<sup>6</sup>) traz o personagem Bruno (12 anos) atrás dos vestígios de sua origem, até então ignorada por ele, cuja família (de classe média alta) constituía-se de pai, mãe, um irmão e uma irmã mais velhos. O pai (médico) fez seu parto e a mãe verdadeira (doméstica) desapareceu propositadamente, abandonando-o na certeza de que o filho teria melhor sorte do que a vida que ela poderia proporcionar-lhe. O afeto de uma família de adoção e seus conflitos estão apresentados na obra, indo além das relações pais/filhos e mostrando a distância entre os dois mundos ali representados. A opção do personagem Bruno, o menino adotado, de não se apresentar à mãe

---

<sup>5</sup> Obras de Rossana Ramos, Thelma Kracochansky Laufer e Isabel Vieira, respectivamente.

<sup>6</sup> A obra faz referência direta à possibilidade de as famílias poderem poupar os filhos adotivos do sofrimento da descoberta, embora não aponte como solução de conflitos. Na fala de tia Marta, página 30: “Estão arrependidos de não ter lhe contado a verdade há mais tempo, quando você era pequeno. Mas não seja tão duro com eles, filho. Tinham medo que você sofresse, achavam que podiam poupá-lo dessa dor. Se erraram, foi por excesso e não por falta de amor.” Na fala de Paulo, pai de Bruno, página 89-90: “Eu poderia ter evitado estes dois anos de sofrimento, eu poderia ter evitado esta viagem? Sim, se tivesse sido mais firme na sua infância, fazendo valer a minha vontade. Se não houvesse pactuado com minha mulher e lhe omitido a verdade. Se ele tivesse se habituado à idéia desde pequeno. (...) Se formos ficar nos se, prefiro pensar nos ganhos, levantar outras hipóteses. Se nada disso tivesse acontecido, por exemplo, talvez o Bruno, a Sílvia e o Paulinho jamais aprendessem a olhar o mundo por uma outra ótica. Continuariam no seu dia-a-dia de garotos mimados, conheceriam apenas um lado da moeda – e nem sequer saberiam que esse lado lhes coube inteiramente de graça.”

biológica e prestar-lhe auxílio indireto reflete a visão da sociedade que o acolheu. Se os pais de Bruno fossem de uma família abastada, sua reação seria semelhante? A aproximação com a mãe que o concebeu seria desejada ?

No avião, mais tarde, é que explicou. Que quando aquela mulher surgiu na sua frente, sentiu pena, sim, mas nada além de pena. Era uma estranha, uma completa estranha. Não teriam o que se falar. Pensou também no que o avô e a avó lhe disseram um dia, sobre sua mãe de verdade não querer vê-lo, se quisesse teria procurado, saberia onde encontrar. Que quando a viu, sentiu que seria melhor para ela não saber de nada, isso ficou claro, pertenciam a mundos diferentes, ela mesma decerto não saberia o que fazer com ele, um garoto rico de São Paulo, e ela com outros filhos tão pobres, ficaria inibida, nunca o trataria como filho, e tampouco ele seria capaz de tratá-la como mãe. (VIEIRA, 2001, p. 95)

Não esquecendo de que se trata, neste ensaio, da análise de obras ficcionais, onde, em princípio, tudo é possível, respeitando a verossimilhança, percebe-se que o caminho escolhido pelos autores infantojuvenis ainda segue uma trilha paralela ao *status quo*. Talvez pelo direcionamento a um determinado público – a classe média leitora – segmento social em evidência, há uma censura implícita e alguns tabus no tratamento dos temas realistas deste universo. Não obstante o avanço ideológico demonstrado, há uma preferência pela assepsia nas relações familiares, sem muitos traumas ou rupturas: pai e mãe amam os filhos, não há traição, os irmãos raramente brigam, não sentem ciúmes, a família é unida e soluciona seus problemas de forma a ajudar o herói da trama.

O historiador Philippe Ariès (2006) em seu estudo sobre a concepção de família e sua evolução busca o entendimento do presente em elementos do passado, especialmente por meio da iconografia. A obra *História social da criança e da família* apresenta a família moderna associada ao confinamento a uma casa sob o cuidado dos pais, ligada à intimidade privada, à educação, longe da sociabilidade comum (entendida como ausência total de vida pessoal) da vida medieval. Segundo o autor, isso acontece quando a família separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. A casa estruturada como lar ou refúgio individual tem uma importância física para a concepção de família moderna, orientada para a afetividade e o fortalecimento dos laços de sangue:

No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la num espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos. (p. 184)

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, costume e gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. (p. 195)

Atualmente, parece inconcebível a ideia de uma família onde não estejam presentes os filhos, situação comum há alguns séculos na Europa ocidental, quando as crianças eram separadas dos pais na primeira infância para se tornarem aprendizes em outras famílias. Esse entendimento pode ser importante para estabelecer elos com a ficção contemporânea que trata de núcleos familiares e seus conflitos. Philippe Ariès associa o sentimento de família ao de classe, consideradas como segmentos sociais que se caracterizam por sua “uniformidade” e “intolerância diante da diversidade” (p. 196).

Embora o conceito de diversidade não seja exatamente o mesmo, pode estar alicerçado na profundidade das mudanças sociais. A família patriarcal brasileira parece estar em transformação e essa tendência se manifesta em pesquisas recentes e em alterações no Código de Direito Civil. “No novo conceito de família, são consideradas famílias os grupos formados não só pelo casamento civil ou religioso, mas também pela união estável de homem e mulher ou por comunidade dirigida somente por um homem ou por uma mulher (mãe solteira, no caso). Antes uma união que não fosse formada pelo casamento formal era considerada ‘família ilegítima’. Da mesma maneira, ‘filho ilegítimo’ é uma expressão que não cabe mais em nossa sociedade.”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A fonte é o documento “Síntese de Indicadores Sociais 2000” do IBGE, que confirma no período de 1992 a 1999 as tendências manifestadas na década de 80: diminuição do tamanho das famílias (queda da fecundidade), aumento do número de famílias sustentadas por mulheres. O que ainda vem se mantendo como padrão é o tipo predominante de família, formada pelo casal com filhos, mas o fenômeno de mulheres sem parceiro, criando sozinhas os filhos cresce na medida em que diminui o número de famílias padrão. O Censo de 2010, na comparação com

Em compasso com a vida real, a literatura inspira-se na vida cotidiana de adultos e crianças. Além do protagonista, a figura materna e o seu papel nas relações familiares acabam sendo o foco das atenções nas obras analisadas: a presença/ausência da mãe ou de sua substituta movimentam a trama e fazem avançar as possibilidades de debate em torno do tema. A voz do personagem criança/jovem assume um novo sentido, com mais criticidade e lucidez, mas ainda há uma resistência em relação ao papel materno, reforçado por situações da vida contemporânea. A maternidade, exclusiva ao sexo feminino, entra em conflito com a aproximação masculina das tarefas domésticas, a profissionalização crescente da mulher, a autonomia dos filhos.

O desapego da mãe de Raquel (personagem de *Tchau*) impressiona o leitor adulto – habituado à visão da mãe protetora como única realmente capaz de cuidar, compreender, alimentar – de corpo e alma – os filhos. Em quase todas as obras analisadas, os filhos, na separação dos pais, permanecem com as mães, naturalmente ou por opção, depois de viverem com as mulheres dos pais. A figura da madrasta é reforçada, de alguma forma, porque ela não se mostra capaz ou esta hipótese não é sequer pensada. O pai ao ficar com a guarda dos filhos (mesmo temporária) é colocado em um papel feminino – um pai que é mãe, como se para isso tivesse de mudar de sexo. Reforça-se a idéia quase unânime de que uma casa com filhos só pode ser gerenciada por uma mulher. O personagem João (*João e seus meio-irmãos*) esboça uma possibilidade de viver com o pai, mas desiste da idéia quando sente conforto e segurança com a mãe e o padrasto.

- Mamãe, posso ir?
- Pode.
- Quantos passos?
- Vinte para a frente, dois pra trás, cinco em zigue-zague.

Como na brincadeira infantil, em meio a avanços e recuos, a literatura reinventa o mundo e mantém seus leitores com poder de discernir a realidade da fantasia e sobreviver às angústias da vida contemporânea.

---

2000, registra um crescimento significativo das famílias tendo a mulher como responsável: de 22,2% para 37,3%.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2006.

BRANDÃO, Toni. *Guerra na casa do João*. Ilustração de Adão Iturrusgarai. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Col. João e seus meio irmãos 1.

BRANDÃO, Toni. *O casamento da mãe do João*. Ilustração de Adão Iturrusgarai. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2004. Col. João e seus meio irmãos 2.

BRANDÃO, Toni. *Tudo ao mesmo tempo*. Ilustração de Adão Iturrusgarai. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2006. Col. João e seus meio irmãos 3.

CASTRO, Ruy. *O pai que era mãe*. Ilustração de Fernanda Guedes. São Paulo: Cia.das Letras, 2007.

COELHO, Ronaldo Simões. *Macaquinho*. Ilustração de Eva Furnari. Belo Horizonte: Lê, 2005.

CUNHA, Leo; COELHO, André Salles. *Pão e circo*. Ilustração de Nelson Cruz. São Paulo: Saraiva, 2005.

GULLA, Regina. *O zelador de sonhos*. Ilustração de Ionit Zilberman. São Paulo: DCL, 2007.

HETZEL, Graziela Bozano. *A cristaleira*. Ilustração de Roger Mello. Rio de Janeiro: Manati, 2003.

HETZEL, Graziela Bozano. *O jogo da amarelinha*. Ilustração de Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manati, 2007.

JAF, Ivan. *As outras pessoas*. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

JAF, Ivan. *Turbilhão em Macapá*. Ilustração de Adams Carvalho. São Paulo: SM, 2008.

LAUFER, Thelma Kracochansky. *Bebê do coração*. Ilustração de André Neves. São Paulo: Callis, 2002.

MONTEIRO, Ilsa Lima *Abram a porta pro papai*. Ilustração de Maurício Negro. São Paulo: FTD,1993.

NUNES, Lygia Bojunga. *Tchau*. 17 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

PAULAFREITAS, Ayêska. *O que o coração mandar*. Ilustração de Elvira Vigna. 6 ed. Belo Horizonte, Dimensão, 2005.

RAMOS, Rossana. *Pepo, o cavalinho que nasceu do coração*. Ilustração de Mari Inês Piekas. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Ilsa Lima Monteiro. *Abram a porta pro papai*. Ilustração de Maurício Negro. São Paulo: FTD, 1993.

SISTO, Celso. *Porque na casa não tinha chão*. Ilustração de Lula. São Paulo: Dimensão, 1997. Col. O menino e o poeta.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *A coleção de bruxas de meu pai*. Ilustração de Fernando Nunes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

VERISSIMO, Luis Antonio. Lar desfeito. In: *Seleção de crônicas do livro Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 34-37

VIANA, Vivina de Assis. *O dia de ver meu pai*. 8 ed. Ilustração de Humberto Guimarães. Belo Horizonte: Formato, 2001.

VIEIRA, Isabel. *Em busca de mim*. Ilustração de Mariângela Haddad. São Paulo: FTD, 2001.